



O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, concedeu uma entrevista televisada à BBC, no dia 28 do passado mês em Maputo, na qual se debruçou detalhadamente sobre o momento político actual, relacionado com o Zimbabwe e Moçambique.

Naquela entrevista, cujo texto que a seguir publicamos foi divulgado pela Agência de Informação de Moçambique (AIM), o dirigente máximo do Partido e do Governo moçambicano referiu-se também às colónias que o imperialismo, para justificar as suas interferências nos assuntos dos outros países, tem difundido no exterior.

# O COMBATE NO ZIMBABWE SÔ CESSA QUANDO FOR ALCANÇADA A INDEPENDÊNCIA TOTAL E COMPLETA

● *Presidente Samora em entrevista à BBC*

P. — Sr. Presidente, em que altura estaria preparado para abrir as fronteiras e deixar os produtos rodesianos, e quando pensa que a guerrilha iria parar!

R.— Vocês vêm perguntar isso a um moçambicano? Vêm perguntar a um moçambicano quando é que a guerrilha vai parar no Zimbabwe? Parece-me que seria melhor perguntar àqueles que lutam, quando é que a guerra vai parar, e em que condições parar a guerra.

Mas, como moçambicano vou tentar responder que, a luta armada no Zimbabwe, surgiu como única via para a conquista da independência pelo povo Zimbabueano. A luta armada apoiada pela solidariedade internacional, de que as sanções são o aspecto principal, forçaram o imperialismo, o colonialismo e finalmente os rebeldes a apresentar a sua rendição no campo de batalha.

A experiência dos povos colonizados é o inimigo tentar sempre transformar as suas derrotas em vitórias, através de manobras. Só a continuação da luta armada impede as manobras. Muitas vezes, os colonialistas são derrotados no campo de batalha, e para recuperarem o seu prestígio, para recuperarem aquilo que perderam no campo de batalha, tentam, todos eles—é uma tradição clássica do colonialismo—ganhar as vitórias perdidas na mesa de conversações.

Pensamos que as manobras que estão sendo realizadas pela Rodésia hoje, não estão fora deste contexto clássico de todos os colonialistas.

Pensamos que a luta armada só cessará quando cessarem as causas da luta. Quais são as causas da luta? Isto é, quando as forças nacionalistas e o colonialismo britânico tiverem acordado sobre as modalidades da transfe-

rência dos poderes conducentes à independência nacional.

Nós em Moçambique dissemos: O combate só cessa quando a independência total e completa for alcançada, porque foi isso que conduziu o povo de Zimbabwe a desencadear a luta armada. No dia em que o colonialismo britânico disser que as modalidades para a independência, as datas e os prazos estão fixos, penso que o combate cessará, porque terão atingido o seu objectivo principal, que é o que justifica o aspecto da luta armada, a conquista da independência pelo povo de Zimbabue.

Quanto à questão das sanções eu gostaria que essa pergunta fosse feita às instâncias que decretaram as sanções contra a Rodésia. Por outro lado diria também: Quando é que a Inglaterra vai retirar as sanções?! Porque a Inglaterra também as aplica. Elas foram aplicadas pela comunidade

internacional, e por isso a pergunta seria melhor, se os nossos amigos fossem-na fazer ao Conselho de Segurança, que as decretou em 1966. Foi o Conselho de Segurança que decidiu sobre isso.

A República Popular de Moçambique, somente implementou essas decisões, portanto, não cabe a nós responder quando e como retirar essas sanções, mas cabe sim às instâncias que as decretou contra a colônia rebelde da Rodésia do Sul.

P. — Sr. Presidente, estaria pronto a encontrar-se com o Sr. Ian Smith para discutir o futuro dos dois países?

R. — Primeiro vou responder como um princípio: O Zimbabwe é um país que é colonizado pela Grã-Bretanha. As questões relativas ao Zimbabwe dizem respeito à Grã-Bretanha, que é a potência colonizadora, e há um movimento que representa os legítimos interesses do povo zimbabwe.

Não cabe à República Popular de Moçambique, discutir com rebeldes, coube sim, aplicar as sanções, coube sim e cabe até hoje apoiar aqueles que lutam, aqueles que desencadearam a luta e querem conquistar a liberdade. Isso sim, pode discutir com a República Popular de Moçambique. A RPM não discute com rebeldes, discute com governos legais, e as modalidades da independência do Zimbabwe não devem ser discutidas com Moçambique, mas sim com a Grã-Bretanha e os nacionalistas. Eu nem sei a que propósito veio essa pergunta sobre eu falar com Ian Smith.

P. — Sr. Presidente, Moçambique sofreu muito com o fecho das suas fronteiras com a Rodésia. Pensa que valeu pena?

R. — Exacto, exacto. A decisão da República Popular de Moçambique, de fechar as suas fronteiras com a Rodésia e aplicar rigorosamente as sanções, destina-se a apoiar a luta armada dos nacionalistas do Zimbabwe e responde as resoluções tomadas pela comunidade internacional a nível da OUA, ONU e dos países do Movimento dos Não Alinhados. Penso que é a comunidade internacio-

nal que deve decidir se valeu a pena ou não, quanto a nós pensamos que cumprimos o nosso dever.

P. — Sr. Presidente, o que acha sobre o futuro dos milhares de brancos rodesianos?

R. — Porque é que não se preocupam com os rodesianos e só se preocupam com os brancos? Porque é que só falam em termos de branco, branco, branco, pretos e brancos, pretos e brancos, pretos e brancos. Agora preocupam-se com os brancos, com o destino dos colonialistas. Estão preocupados com a minoria branca no Zimbabwe. Porque é que há muito tempo não perguntavam qual

Quando e que vocês recuperam Ian Smith para o vosso país? o rebelde Ian Smith?

Mas, no entanto, vou formular alguns princípios. Ah, mas agora perguntar-me sobre o destino do colonialismo, é muito interessante não acham? Qual será o destino do colonialismo. Onde é que vocês vão guardar o colonialismo? O colonialismo está representado pelos colonialistas, pelos colonos. Já me perguntaram: Onde irão os colonos, os colonialistas? Eu respondo por Moçambique, primeiro respondo por Moçambique.

Não há futuro nem presente para os colonialistas, nem para aqueles cuja felicidade é a des-



será o futuro da maioria negra do Zimbabwe? Nós não estamos preocupados com o destino do colonialismo.

Na República Popular de Moçambique já definimos que o colonialismo não tem pátria, não tem cor nem representa os interesses do povo. Mas, os colonos têm terra. Todos os colonos têm terra, e neste caso a terra dos colonos britânicos é a Inglaterra. Eu é que devia perguntar a vocês se estão preparados para receberem os vossos colonos ou não? Isso é o que eu devia perguntar a vocês.

graça da maioria. E esses não são apenas brancos, mas homens de todas as raças e cores, e perguntaria: O que foi feito daqueles que eram maus na China? O que foi feito daqueles que eram maus em Cuba? Foram para onde? O que foi feito daqueles que eram maus na União Soviética, e em toda a parte? O que foi feito deles? Foram para onde? Eram pretos ou brancos?

Eram brancos e eram nacionais até. Mas foram para onde? Precisamente porque o colonialismo não tem pátria. É o caso destes.

*Sempre dissemos que o reacçãoário não tem cor nem pátria, e a prática dá-nos toda a razão.*

*Quanto ao futuro dos brancos, que parece ser a sua preocupação nós achamos que os moçambicanos de qualquer cor têm futuro em Moçambique como terão também no Zimbábwe. Não se define o nacionalista através da sua cor de pele. A nacionalidade não se define dessa maneira.*

A pergunta que lhe foi feita a seguir, o Presidente Samora respondeu:

*Posso dizer-lhes que toda a nossa acção governativa; quanto ao desenvolvimento económico foi definido logo na primeira sessão do Conselho de Ministros e imediatamente após a independência.*

*Fizemos um reconhecimento dos problemas e estabelecemos a estratégia para os resolver. Depois estabelecemos as tarefas específicas para os diversos sectores. Ao fim do nosso primeiro ano de governo, verificamos que a nossa maneira, a maneira como foram cumpridas as tarefas e o grau de engajamento do povo moçambicano na realização dessas tarefas, achamos que foi muito positivo.*

*Há naturalmente aspectos que tivemos que corrigir por isso este ano estamos melhor preparados para o nosso trabalho com um levantamento específico em cada sector com o engajamento maciço da população, com a participação de todas as estruturas, com a participação de todos nós, pensamos que resolveremos os nossos problemas.*

*Não são problemas trazidos pela independência, mas sim problemas crónicos deixados pelo colonialismo.*

P. — Sr. Presidente, algumas pessoas no estrangeiro dizem que Moçambique é manipulado pela União Soviética. Qual é o papel das superpotências nesta parte da África?

R. — E os outros são manipulados por quem? Os ingleses são manipulados por quem? Quem manipula os ingleses? Quem manipula os americanos, ou a quem eles manipulam? Quer dizer, há manipulados pelos soviéticos, há manipulados pelos ingleses, há manipulados pelos americanos.

*Se enumerassem antes quem são os manipulados pelo imperialismo, então assim discutiríamos melhor.*

*Os que dizem que nós somos manipulados devem ter razões concretas para o dizer. Seria melhor interessante ir perguntar a eles quais são essas razões. Porque deve haver razões fundamentadas. Nós responderemos: Somos um país independente, somos um país soberano e maduro.*

*Nós temos boas relações com todos os países socialistas, e bem sabem quais são esses socialistas. Quando dissemos países socialistas não dissemos somente União Soviética. A União Soviética é o primeiro estado socialista no mundo, mas há muitos outros países, e nós mantemos boas relações com eles, tratamo-nos de igual para igual, talvez a confusão esteja aí. Porque enquanto os outros países, Ocidentais particularmente, porque foram colonialistas, gostariam de ser paternalistas hoje.*

*Eles foram nossos patrões; foram eles que nos submeteram a este subdesenvolvimento, a este atraso, e gostariam agora de vir como paternalistas para dizerem, bebês, já cresceram. Nós não pedimos certidão a ninguém para dizer que já somos maduros, que já somos independentes, que nós somos um Estado soberano.*

*Não dizemos a ninguém, estabelecemos livremente as relações com qualquer Estado, em pé de igualdade, e mesmo com eles que foram nossos patrões. Gostaríamos que soubessem que já somos independentes. Somos independentes e não dependemos deles e não são eles que devem escolher os nossos amigos. Não são eles quem devem definir com quem devemos estabelecer relações.*

*Mas aí vem eles de novo: Porque aqui eram colonialistas e ao mesmo tempo os colonialistas são racistas. Porque Moçambique é um Estado africano... um Estado africano para eles nunca cresce, nunca é adulto, deve depender da orientação deles, o que é bom e o que é mau só eles devem nos indicar. Nós não queremos, recusamos.*

*É por isso que dizem que o Estado de Moçambique é manipula-*

*do, porque saímos da órbita deles, libertamo-nos. Nós não fomos libertos, libertamo-nos, lutamos e afirmamos a nossa personalidade em qualquer ponto do mundo em pé de igualdade com todos.*

*O grau de desenvolvimento económico não é a base para sermos discriminados. É isso que gostaríamos que dissessem a esses países que dizem que nós somos manipulados. Temos boas relações com todos os países socialistas que classificamos como nossos aliados naturais e isso está escrito na constituição da República Popular de Moçambique em que define os países socialistas como zona libertada da humanidade. São nossos aliados naturais aqueles que nos apoiaram nas horas incertas, quando a vitória estava ainda muito longe, quando a vitória era ainda um sonho para todos os povos.*

*O Ocidente nessa altura definiu-se como aliado incondicional do colonialismo português, e hoje que somos independentes dizem que somos manipulados. Quem nos manipulou para ganharmos a guerra, fomos nós que ganhamos a guerra, somos nós que vamos reconstruir o nosso país, somos nós quem vai definir quem são os nossos amigos, com quem devemos estabelecer relações, e queremos dizer que estamos prontos a defender essas boas relações contra a calúnia e a especulação.*

*O engajamento desses povos, governos e países, na luta pela libertação nacional e na cooperação e solidariedade que levarão à independência económica dos nossos países, é um exemplo que deveria merecer respeito, particularmente por parte daqueles que ontem se opuseram activamente à nossa luta e hoje fazem tudo por tudo para nos destruir ao mesmo tempo que se ocupam com tal manipulação.*